

a doçura como referencia cultural nas comemorações de Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes nas praias do Laranjal, Pelotas/RS, em 2007 ¹

MARÍLIA FLOÔR KOSBY

resumo Este estudo etnográfico analisa a celebração religiosa que acontece todos os anos no dia 2 de fevereiro em Pelotas: as comemorações do feriado oficial de Nossa Senhora dos Navegantes. Especificamente, desenvolve-se na observação dessa cerimônia nas praias lacustres do Laranjal e colônia de pescadores Z3, costa leste de Pelotas/RS, banhada pela Lagoa dos Patos. Toda a análise é permeada pela noção de “encruzilhada”, sugerida por José Carlos Gomes Anjos, em substituição à noção de sincretismo, com o intuito de considerar as múltiplas entidades, divindades e manifestações religiosas que se cruzam durante os festejos. Tal conceito é baseado na reflexão sobre como a cosmovisão afro-religiosa lida com a diferença. Além disso, ela permite perceber o quanto essa lógica não se restringe às terreiras², mas permeia as estratégias identitárias de grupos aparentemente tão contrastantes como a comunidade católica e o “povo de religião”.

palavras-chave Patrimônio cultural. Afro-religiosidade.

Na madrugada do feriado em que se comemoram oficialmente os festejos em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes, Maria “Mãe dos Pescadores”, no último banco do ônibus que trazia, lotado, passageiros da praia de volta à cidade, a mulher encharcada, apesar de não ser “de religião”, dizia-se devota de Iemanjá. A interlocutora havia levado as filhas e flores para saudar a orixá³ “Rainha do Mar”.

Conforme seus relatos, ia embora mais cedo, pois o fundo das águas causara-lhe uma perigosa tentação – logo ela que sempre evitara

entrar na Lagoa! Era a sereia. A Iara chamou, e ela foi. Iara cantou uma canção que não se sabe cantar, com uma voz que não se ouve, que não se imita. E ela, encantada, mergulhou sem medo, no desconhecido escuro da Lagoa dos Patos. Se não fossem as súplicas de suas acompanhantes, a senhora de roupas brancas e guias azuis teria seguido a canção inebriante, teria tocado o mundo da sereia. Sereia que não leva nome de santa, mas tem devotos, ganha flores, doces, pentes, espelhos. Iara nunca virou santa, mas Iara atende pedidos, a sereia escuta promessas. Era 2 de fevereiro, e Iara queria seus adoradores todos em volta, no fundo das águas do balneário dos Prazeres.

Iemanjá é também associada a diferentes mães-d’água da mitologia indígena, sendo por isso mesmo chamada Iara, a Mãe-d’água (Vallado, 2002, p. 37).

Há quem diga que dos fartos seios de Iemanjá fizeram-se dois rios que logo viriam ser o mar, sua morada. Há também quem acredite que foi de suas lágrimas que ele surgiu, quando Oxalá, ao beber vinho de palma em demasia, quebrou a promessa de não caçoar dos enormes seios dela. A Lagoa, naquela noite, era um mar. Nessa época do ano as águas doces abaixam-se para que o oceano co-habite seu leito, translucidando de verde a costureira turvação da Lagoa dos Patos.

A noite clara que se apresentava parecia exibir com vaidade os mais bonitos frutos da

“grande mãe africana do Brasil”⁴ do estômago de Iemanjá nasceram todas as estrelas, as nuvens e, além delas, nove dos doze orixás cultuados no Batuque: Bará, o senhor da rua e das encruzilhadas, o regulador dos caminhos; irmão de Bará, Ogum, dono do ferro, da guerra, das ferramentas, da faca, protetor dos trabalhadores e dos caminhantes; Iansã, a deusa dos ventos, das borboletas e das tempestades, domina os espíritos dos mortos e habitantes de planos inferiores; Xangô, senhor do fogo, foi rei de Oyó, é deus do trovão e da justiça; Odé e Otim regulam a caça, são o par, o homem e a mulher, representam o equilíbrio dos opostos, têm as mesmas incumbências; Obá, que “escolheu a guerra como prazer nessa vida”⁵; Ossaim, que conhece os segredos das plantas litúrgicas e medicinais; e Xapanã, que tem poder sobre a doença e a cura, é dono da “Vida e da Morte”⁶.

À noite, só Iemanjá, Iara e aqueles que as seguiam águas adentro podiam perceber o sal do mar. Pois quem se detinha às areias nem sequer imaginaria outra qualidade que não a doçura. Doçura dos montes de açúcar que se confundiam com o próprio chão – crivados de velas coloridas acesas, desenhavam sob os pés o céu. Doçura dos quindins de Oxum, merenginhos de Iemanjá e cocadas de Oxalá, que compunham as ornamentadas bandejas de oferendas para esses orixás, os orixás de praia, de mel, velhos pais de todos e de tudo.

Nas mesmas areias doces que mostravam o caminho até o lar da sereia Iara, homens e mulheres de um grupo de dança *afro*, em coreografias precisas, homenageavam Iemanjá, frente à grande imagem sob holofotes da deusa africana de pele alva, corpo esguio e olhos azuis, cabelos negros e longos. O som dos tambores que guiavam os passos da dança chegava aos ouvidos das milhares de pessoas que visitavam a praia.

Tão logo cessaram as cerimônias oficiais, com a presença de autoridades administrativas do município, os tambores que então soavam

vinham das terreiras de Umbanda. Dezenas, espalhadas, grupos de fiéis em rodas, *caballos de umbanda*⁷ emprestando seus *aparelhos*⁸ às entidades desejosas de se manifestarem na noite de festa. Dançavam, bebiam, riam, fumavam, aconselhavam, orientavam, caboclos, pretos-velhos, exus, pombagiras e ciganos. Como majestades nos seus tronos, nos congás, na areia mesmo ou debaixo das árvores, imagens das entidades – e em alguns casos de orixás – recebiam as honras dos filhos de suas terreiras. As rodas de terreiras geralmente continuam seus rituais praianos até o amanhecer.

Logo nas primeiras horas da manhã, alguns quilômetros adiante do Balneário dos Prazeres, na colônia Z3, comunidade formada principalmente por pescadores e suas famílias, o caminho das celebrações levava às redondezas do católico Santuário Nossa Senhora dos Navegantes, onde encontrava-se a imagem da santa, de manto branco, no seu barquinho com o menino Jesus nos braços (imagem 1).

Trazida em carreta da Igreja Sagrado Coração de Jesus, situada no bairro do Porto, chegara a imagem à vila de pescadores para dar início às comemorações, com a celebração de uma missa pelo bispo Dom Jaime. Nos dias anteriores à chegada da santa à igreja do porto, ela passa algumas noites em capelas de diferentes bairros da cidade, onde são celebradas missas quando de sua chegada e procissões quando de sua partida para outro bairro (Bairros; Moura, 2007)⁹. Rodeada por velas, flores e cartas, a imagem de devoção permanece no santuário para, às três horas da tarde, partir em procissão lacustre até o porto da cidade, no canal de São Gonçalo, passando o Pontal da Barra, após contornar as praias do Laranjal (Balneário dos Prazeres, Santo Antônio e Valverde), bairro que contempla a orla da Lagoa que cerca a costa de Pelotas.

Enquanto não partiam as embarcações, as festas circundavam a pequena igreja: shows musicais e uma imensa quantidade de pratos à

base de peixes servidos em longas mesas na rua ou dentro do salão da comunidade. Muitas das pessoas que chegavam à colônia de pescadores, atraídas pelo almoço, vinham saborear a fartura dos peixes que a devoção à santa “Rainha do Mar” traz àqueles que sobrevivem das águas.

Na beira da água, dezenas de barcos de pesca tremulavam redes de bandeirinhas azuis e brancas que desciam desde seus mastros até as bordas das embarcações, decorando toda vista de quem de dentro olhava. Eram os preparativos para a procissão, muitos balões verde-e-amarelos e, no alto dos mastros, predominava a altivez de bandeiras do Brasil ou do Rio Grande do Sul.



Imagem 1: Foto do acervo Marília Floôr Kosby, 2007.

De dentro do barco Terra Sul, que carregava o emblema “*Salve Maria, Mãe dos Pescadores*”, acompanhamos o trajeto da embarcação que transportava Nossa Senhora dos Navegantes pelas águas transparentes, através das quais se podia ver no fundo a silhueta das comemora-

ções em movimento. Azul e branco coloriam todos os horizontes, as cores que os fiéis católicos dedicam a sua santa das águas.

Um único barco entre os que formavam a procissão destoava dos outros. Era diferente porque, além das bandeiras azuis e brancas, trazia outras no mesmo número, mas de cor vermelha; a cor de Bará, orixá que no Batuque rege o ano de 2007. Eram para Bará as bandeiras, e eram de Bará para Nossa Senhora dos Navegantes, de Bará para Iemanjá. E para elas também fora enfeitado de azul e branco um outro barco, de nome “*Poderosa cigana*”, tendo no casco pintada uma imagem da entidade cultuada pelos umbandistas, vestida de vermelho e segurando sua saia envolta em labaredas.

Bará e a cigana acompanhavam Nossa Senhora dos Navegantes, representavam-na em suas cores, homenageavam-na em cortejo. Mas, além da santa, havia outra, uma deusa a ser celebrada. Ao aproximar-se o séqüito do Balneário dos Prazeres, via-se uma multidão (imagem 2) que se dirigia da praia para a laguna; com água até o peito, os maiores carregavam nos ombros Iemanjá em seu barquinho (imagem 3), as outras centenas de pessoas tinham nas mãos rosas vermelhas, pentes, espelhos, imagens, traziam os filhos pequenos para saudar a santa que se aproximava. Sacudiam os braços, batiam palmas, em gestos de euforia jogavam água para o alto, água que ao sol cintilava – daí uma das cores rituais de Iemanjá ser o prateado, justamente por ser a cor da cintilação das águas sob a luz do sol.

O encontro da orixá Iemanjá com Nossa Senhora é uma homenagem mútua, é um encontro planejado por representantes da Igreja Católica e da Federação de Cultos Afro-brasileiros. No planejamento do ritual, o cortejo faz duas voltas em círculo, no meio da Lagoa dos Patos, assim que chega ao encontro dos devotos de Iemanjá, reverenciando a orixá e

dispondo a santa em reverência. Neste ano, em vez de seguir até o porto da cidade, os barcos saudaram Iemanjá no Balneário dos Prazeres e, em seguida, retornaram ao ponto de partida, a colônia Z3. O ritual terminou onde os envolvidos acreditavam dever terminar, cumpriu os passos que precisava para ter a eficácia que se esperava.

Em detrimento de uma idéia de pureza religiosa, de crenças originais ou rituais genuínos e imutáveis, as festas do dia 2 de fevereiro de 2007, nas praias lacustres de Pelotas, permitiram perceber as múltiplas interpretações que recebem mitos e símbolos sagrados, bem como as diversas associações que constroem a relação rito e sociedade, em um contexto religioso que mobiliza diferentes grupos de credo da cidade. Comemorações que reverenciam e são reverenciadas santas, sereias e orixás revelam ao olhar etnográfico a teia de atualizações, de apropriações e de cruzamentos de práticas e elementos religiosos dos quais os sujeitos valem-se na elaboração de suas concepções de mundo. O que mostra, em uma análise de ritual, uma parte do complexo sistema de crenças e valores que co-existem na constituição do quadro religioso

brasileiro. Umbanda (caboclos e pretos-velhos e/ou cruzada, incluindo os exus), Batuque e Catolicismo são cultuados na mesma celebração e, na maioria das vezes, pelos mesmos fiéis. Fiéis estes que talvez não adotem em seus discursos palavras de louvor ao santo “dos outros”, mas, sim, em lugar disso, trazem com recorrência o respeito à diversidade como justificativa para o fato de o ritual de saudação mútua entre Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes tenha se tornado o ápice das celebrações. Em especial, quando tais crenças perpassam caminhos dos territórios da cosmovisão religiosa afro-brasileira, é imprescindível considerar o tratamento que a diferença recebe na lógica dessas religiões, a qual “ao invés de dissolver as diferenças, conecta o diferente ao diferente” (Anjos, 2006, p. 22). No entanto, mesmo que os devotos de orixás e de entidades da Umbanda tragam estampadas seus objetos de culto nas embarcações da procissão lacustre cristã – seja em cores, seja nas imagens – o que se percebe é que também os católicos incorporam ao seu ritual a homenagem à Iemanjá.

Entretanto, antes de se tratar de uma demonstração fervorosa de liberdade de culto, da



Imagem 2: Foto do acervo Marília Floôr Kosby, 2007.



Imagem 3: Foto do acervo Marília Floôr Kosby, 2007.

ufanista miscelânea religiosa do mestiço Brasil, onde a síntese das crenças e das raças criaria uma tendência à tolerância, em um triunfo da igualdade de direitos, o que de fato emerge nesse encontro lacustre é a intensidade depositada no não-território que a água representa.

Por que nas areias os cultos não se relacionam? Por que a Iemanjá da madrugada no Balneário dos Prazeres não ganha aplausos e orações da comunidade da Z3? Ou, então, por que não há oferendas nas margens das praias da colônia de pescadores? Por que nas areias as identidades ganham contornos mais nítidos e as fronteiras têm delimitações territoriais tão rígidas? Está certo que cada localidade possui populações peculiares com suas disputas políticas particulares, que também envolvem o campo religioso e mesmo étnico – refletindo seja no conflito entre evangélicos e católicos, seja na marginalização das religiões afro-brasileiras. Mas o que se está discutindo aqui não são os aparentes antagonismos, e, sim, as convergências implícitas, condensadas em um ritual que se altera, que não segue a ordem antes prescrita. Por que a procissão católica, com toda a opulência de seus barcos, não seguiu seu percurso

até o porto, após as saudações trocadas com os devotos da mãe orixá ou da sedutora sereia? Por que milhares de pessoas irrompem laguna adentro com uma imagem sobre os ombros para chegar o mais próximo possível de uma frota de barcos que homenageia a Mãe de uma religião que aparentemente tanto contrasta com a cosmovisão afro-religiosa?

Se seguirmos a idéia de José Carlos Gomes Anjos, o patrimônio étnico cristalizado na religiosidade afro-brasileira seria o núcleo de um *habitus* mutável e não-fixo, por sua maneira de lidar com as diferenças e as identidades, o seu nomadismo das perspectivas, das entidades sacralizadas, dialogaria simetricamente com a filosofia ocidental; católicos e afro-religiosos adotam estruturalmente estratégias identitárias semelhantes – o que permite que barcos batizados de “*Poderosa Cigana*”, por exemplo, ou decorados com a cor símbolo de um orixá componham uma procissão promovida pela Igreja Católica. Certo: substitui-se o conceito de sincretismo pelo de cruzamento religioso e estão explicadas as reverências entre ambos. Sim, mas isso não é suficiente para entender porque isso só ocorre quando a firmeza do chão

deixa de ser o cenário para dar lugar à fluidez das águas, culminando no desfecho das celebrações. Se as águas têm dono, proprietário legítimo, nesse campo, a Lagoa dos Patos é domínio de Iemanjá, Nossa Senhora dos Navegantes, Iara.

Nesse ponto, é importante situar que, ao optar pela análise específica de uma relação que se desenrola na dimensão religiosa, o conceito de *campo* elaborado por Pierre Bourdieu subsidia a formulação de algumas conclusões deste estudo. O *campo*, nesse caso o campo religioso, é uma instância que existe porque há o conflito, o que revela uma estrutura de pensamento que não se restringe especificamente às cosmovisões afro-brasileira ou cristã, mas que permeia ambas:

Um campo, e também o campo científico, se define entre outras coisas pela definição dos objetos de disputa e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputa e aos interesses próprios de outros campos [...] e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar nesse campo [...] para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas etc. (Bourdieu, 1983, p. 89).

Entretanto, segundo o conceito de encruzilhada utilizado por Anjos (2006), na cosmovisão afro-brasileira, as diferenças cruzam-se¹⁰ em caminhos plurais, sem se fundirem, onde o processo de subjetivação é um puro processo e as diferenças subexistem. Na religiosidade afro-brasileira, a encruzilhada, o cruzamento de ruas, de caminhos, é uma percepção espaço-temporal a partir da qual a “pessoa de religião” organiza o agenciamento de sua subjetividade. Para os afro-religiosos “os empreendimentos da vida também

são percebidos como caminhos”, o que faz “da vida um território”. Para que os desejos aconteçam, é preciso que haja fluxo nos caminhos, por isso a encruzilhada pode ser vista como um não-lugar, por onde circulam energias nômades, não fixas e não territorializadas.

O que dizer, então, de um encontro entre dois grupos de fiéis, uns que entram em direção ao leito da laguna e outros que têm como trajeto toda a orla da mesma? Mais ainda: um encontro que se dá em uma laguna que se des-territorializou para, por certo período, dar lugar ao mar? A própria Lagoa dos Patos no dia 2 de fevereiro de 2007 era um não-lugar, um território onde não se pode ser algo sem deixar de ser outro e, ao mesmo tempo, sem perder a possibilidade de voltar a ser o que se era. Quando os devotos de Iemanjá encontram a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes no meio do percurso, essa tem trancado o seu fluxo; a pretensão de encerrar todo o território lacustre que toca a orla da cidade – da Z3 ao porto – e fechar o circuito no qual a Santa Rainha do Mar, Mãe dos Pescadores, compreenderia ser de seu domínio, ou seja, as águas, é interrompido. Um trajeto que a multidão com a orixá/sereia nas costas jamais conseguiria completar. Nem por isso a descontinuidade, que do cruzamento de cortesias decorre, seria a intenção premeditada e cínica dos afro-religiosos de barrar a demonstração de poder que representava o séqüito católico. O encontro, segundo alguns dos organizadores das celebrações, ocorre todos os anos – a descontinuidade é a peculiaridade de 2007.

Ser um banhista, velejador, morador do Laranjal, pescador ou somente devoto de Iemanjá ou Nossa Senhora dos Navegantes, ou tudo isso junto, são identidades, ainda seguindo Anjos (2006), não essencializadas, mas intensificadas pelo que representa a água para esses sujeitos na sua elaboração do mundo e de si mesmos. A emergência dessa intensidade urge, especificamente,

quando esses sujeitos reconhecem na Lagoa dos Patos uma desterritorialização:

Todos os anos a Lagoa salga, mas como este há muito tempo nós não víamos. Até a cor, é mais mar que Lagoa! (Moradora da Z3, familiar de pescador. Fonte: Diário de campo.)

Acampar no Barro Duro é bom porque tem árvores, é tão bonito! Ainda mais este ano, que a água está bem clarinha, dá para tomar banho. Parece o Cassino, só que melhor! (Banhista, acerca das placas que identificam as praias do Totó e dos Prazeres como próprias para banho. Fonte: Diário de campo.)

A água doce é uma referência para esses sujeitos, como pode apontar o conceito de patrimônio imaterial, sobre o qual Pedro Paulo Funari afirma:

Uma paisagem não é apenas um conjunto de árvores, montanhas e riachos, mas, sim, uma apropriação humana dessa materialidade (Funari, 2006, p. 25).

O encontro entre divindades, entidades, seus devotos e todas as reverências envolvidas, como já foi dito, era algo esperado. No entanto, no cruzamento, as diferenças não se completam, não se esgotam; ao contrário, na encruzilhada que se constituiu no encontro, no não-lugar que estava sendo a Lagoa dos Patos, os atores passam a não-ser, ou melhor, a serem aquilo que de seu que podiam encontrar em um “outro”. Mas onde se encontra o outro quando se está na encruzilhada, onde ninguém é em um território que não é mais o mesmo lugar?

Quando discute a lógica da diferença na religiosidade afro-brasileira, Anjos (2006, p. 22) reconhece nos terreiros de Umbanda (caboclos e pretos-velhos e/ou umbanda cruzada,

incluindo os exus), Batuque e/ou Linha Cruzada (quando incluem as outras três modalidades no mesmo templo), “espaços para percursos nômades”, em que raças, nações e divindades seriam um patrimônio simbólico de intensidades diversas, e não “essências identitárias pertencentes a indivíduos”. Aqui cabe transpor o conceito de intensidade de Deleuze e Guattari, a partir da tradução de Anjos em sua obra:

Nunca se trata, no entanto, de identificar-se a personagens, como se diz erradamente de um louco que “se tomaria por [...]”. Trata-se de algo totalmente diferente: identificar as raças, as culturas e os deuses a campos de intensidade sobre o corpo sem órgãos. Identificar os personagens a estados que preenchem esses campos, a efeitos que fulguram e atravessam esses campos [...] não há um eu que se identifica com raças, com povos, com pessoas, sobre uma cena da representação, mas nomes próprios que identificam raças, povos e pessoas com regiões, com limiares ou com efeitos numa produção de quantidades intensivas [...] (Deleuze; Guattari, 1976 *apud* Anjos, 2006, p. 23).

A lacuna a ser preenchida, a conexão a ser feita, na identidade religiosa dos envolvidos diretamente nas celebrações pelotenses de Nossa Senhora dos Navegantes, em 2007, referia-se à qualidade da Lagoa dos Patos que convergia mutuamente nos cultos à Maria, Mãe dos Pescadores, e à Iemanjá, a “Grande Mãe Africana do Brasil”, e que se desterritorializava naquele momento, qual seja, a fertilidade de suas águas, depositada principalmente na doçura. Os orixás de praia são também os orixás de mel – Oxum, Iemanjá e Oxalá, os pais dos outros orixás –, e as areias do Balneário dos Prazeres, na noite anterior, tinham morros de açúcar, bandejas de quindins, cocadas e merenginhos. Nos braços da santa que conduzia a procissão, a cândida imagem de um menino Jesus.

Desterritorializados, ambos os séqüitos, dentro d'água, encontraram na experiência um do outro o traço de doçura – representado nas imagens –, que preenchia o domínio territorial que se desvanecera na salinidade. Como experiência ritual, o “fracasso lógico” não permite que se cristalice a identidade colada constantemente à alteridade. Então, inesperadamente, os barcos retornam à colônia Z3.

A incorporação é um conceito bastante revisitado quando o assunto são os processos de transe experimentados em religiões de matriz africana; assim, conforme José Carlos G. Anjos, na incorporação:

A diferença é carregada para dentro do sujeito a ponto deste não poder mais se suportar como tal [...]. Trata-se de uma experiência radical de alteridade: o “outro” introduzido no “mesmo”. Que essa operação tenha a ver com território, a linguagem êmica o diz na expressão de “se ocupar” – o santo, o exu, o caboclo “se ocupa” da pessoa, faz de seu corpo um território no qual pode cavalgar – o corpo é o “cavalo-de-santo”, o terreiro é o lugar de sobreposição de territórios (Anjos, 2006, p. 21).

Trago o exemplo da incorporação menos por seu caráter radical do que pelo próprio processo de ceder o corpo e a consciência ao outro como um “ato intelectual desterritorializante” (idem), a plena afirmação de um pensamento da diferença calcado na própria “obstinação do corpo ritualístico nessa impossibilidade de pensar” (ibidem), que é o ritual, no sentido dado por Lévi-Strauss:

[...] o ritual representa um abastardamento do pensamento submetido às servidões da vida. Ele reconduz ou, antes, tenta em vão reconduzir as exigências do primeiro a um valor limite que ele não pode jamais atingir, senão o próprio pensamento se aboliria. Essa tentativa desesperada,

sempre voltada ao fracasso para restabelecer a continuidade de um vivido [...] (Lévi-Strauss, 1971 *apud* Anjos, 2006, p. 603).

Não se pensava a laguna sem pensar no sal da água; como, então, se pensar como um sujeito relacionado e identificado com uma laguna de água doce que não se pode reconhecer como tal? Quando os barcos começam a se deslocar circularmente, em frente à imagem de Iemanjá, sem parecer terem mais um destino a cumprir, a não ser fazer esse movimento, e os afro-religiosos agitam as águas euforicamente, envoltos nos pingos cintilantes, sem que isso implique em qualquer finalidade prática, o processo de deslocamento do eu se dá no sentido de o objeto de louvação ser incorporado pelo próprio sujeito que saúda, e que então saúda a si mesmo incorporado no outro e incorporado pelo outro. Um outro que é estranho, mas que na estranheza e no conflito constitui a intensidade que permite a ambos reconhecerem um traço de suas identidades. A água doce é essa intensidade, e o poder sagrado sobre ela é o principal elemento que parece se diluir quando o território, que é a Lagoa dos Patos, se desterritorializa para dar lugar às águas desconhecidas do mar, frente às quais o domínio da Iemanjá, da Iara e da Nossa Senhora dos Navegantes cultuadas em Pelotas também não se substancializa.

A descontinuidade, o atravancar da procissão, a saudação mútua de si mesmo e o retorno dos barcos à colônia Z3, o território, logo após o encontro das divindades, é a cosmovisão afro-religiosa colada na estrutura ocidental de pensamento. Portanto, calcando-se na contingência desses rituais religiosos, pensar a constituição do patrimônio cultural brasileiro seguindo a noção de intensidades, muito mais do que de essencialidades, traz arcabouços para a compreensão de como as referências culturais – vistas por Arantes como “[...] objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura

na construção de sentidos de identidade [...]” (Arantes, 2000 *apud* Freire, 2005) – podem ser apreendidas e elaboradas nos cruzamentos de diferentes cosmovisões, sem que os sujeitos envolvidos dissolvam suas identidades, mas, ao contrário, afirmem-nas justamente onde o “outro” toca o mesmo.

Crossroads, territories and religious patrimony: about the sweetness as a cultural reference in the Iemanjá and Nossa Senhora dos Navegantes celebrations on Laranjal beach, Pelotas/RS, in 2007

abstract This ethnographic study analyses the religious celebration that takes place every year on the February 2nd in Pelotas, the official holiday of Nossa Senhora dos Navegantes. These celebrations were researched in Laranjal’s lacustrine beaches and at the Z3 fishermen settlement located at the east coast, which is finched by Lagoa dos Patos in Pelotas. The whole analysis is interposed by the notion of “Encruzilhada” (or “Crossroads”), suggested by José Carlos Gomes Anjos as a replacement to the notion of syncretism, with the aim to consider multiple entities and some kinds of religious manifestations that cross each other during the celebration. That concept is based on the reflection about the ways in which the African Religious Cosmvision works with difference. Moreover this Cosmvision allows the perception of how much this logic isn’t restricted to the “terreiras” (or “lawns”) but interposes identity strategies from groups apparently so contrastive as the catholic community and the “people of religion”.

keywords Cultural. Heritage. African religiosity.

Notas

¹ Lagoa dos Patos é a denominação popular dada à laguna que, além de outras zonas litorâneas da região sul do Rio Grande do Sul, banha o bairro do Laranjal, ao leste de Pelotas. O bairro do Laranjal se

constitui dos balneários Valverde e Santo Antônio, do Balneário dos Prazeres (conhecido também como Barro Duro) e da colônia de pescadores Z3. A Laguna dos Patos Liga-se ao Oceano Atlântico através da barra de Rio Grande.

² Em Pelotas e outras cidades do Rio Grande do Sul, ao contrário do que se encontra na literatura sobre religiões de matriz africana em outras partes do Brasil, o termo “terreira” é utilizado no feminino, sendo referido tanto às “casas de religião”, templos onde se praticam tais religiões, quanto às cerimônias periódicas de uma religião específica, a Umbanda. Respectivamente, pode-se ouvir frases do tipo “Fui ao Batuque na terreira do Sandro” ou “hoje tem terreira no Paulo”.

³ Entre os interlocutores com quem estudo em Pelotas, o gênero da palavra “orixá” segue o gênero do deus – ou santo, como também são chamados os orixás específicos de cada pessoa – ao qual se refere. Por exemplo, “a orixá de Viviane é Iemanjá” e “a santa dela é velha, ela é filha de Iemanjá Bomi” ou ainda “Juliano é do orixá Ogum, o santo dele é um santo muito violento”. Também quando se fala dos orixás em termos mais genéricos, descrevendo-os, por exemplo, como forças cósmicas da natureza e da vida em sociedade, o gênero da palavra segue a mesma lógica: “Iansá é a orixá dos ventos, é a santa do movimento” e “Oxalá é um santo sábio, ele é o orixá da clareza”.

⁴ Vallado, 2002.

⁵ D’oxalá, 2003. p. 111.

⁶ Prandi, 2001. p. 314.

⁷ São chamados de cavalos de umbanda os devotos que emprestam seus corpos para as entidades (exus, pombagiras, caboclos e pretos-velhos) manifestarem-se nos rituais da religião.

⁸ Na Umbanda, a palavra “aparelho” quer dizer corpo físico, o corpo que os cavalos de umbanda emprestam à manifestação das entidades.

⁹ As informações acerca da missa de comemoração do Dia de Nossa Senhora dos Navegantes e do trajeto da imagem da santa pela cidade são baseadas na etnografia de conclusão da disciplina de Antropologia II, trabalho elaborado por Amanda Moura e Jacqueline Bairros, alunas do curso de Turismo da Universidade Federal de Pelotas.

¹⁰ A discussão trazida pelo conceito de “cruzamento”, de Anjos, pode ser enriquecida pela análise da pesquisa de Sérgio Ferretti sobre sincretismo religioso, apresentada no livro *Repensando o sincretismo* (1995).

Nessa obra, o autor traz uma discussão detalhada dos “usos e sentidos do conceito de sincretismo religioso”, a partir de suas pesquisas etnográficas em São Luís do Maranhão, na Casa das Minas, terreiro de Tambor de Mina, religião afro-brasileira dessa região. Tendo apontado os vínculos do culto aos voduns (divindades de matriz africana) com o catolicismo, as religiões ameríndias e o espiritismo Kardecista, o autor agrupa o conceito de sincretismo em algumas variantes: convergência, paralelismo, mistura e separação (quando não há sincretismo) e afirma “nem todas estas dimensões ou sentidos do sincretismo estão sempre presentes, sendo necessário identificá-los em cada circunstância”. Apesar disso, Ferretti percebe a impossibilidade de delimitar fronteiras precisas entre os elementos que elenca, como negros e aqueles vindos de outras tradições, e conclui que “tradição e sincretismo têm limites ambíguos, e que o sincretismo, portanto, está presente mesmo nos grupos afro-brasileiros mais tradicionais”. Assim, o autor funda seu argumento na perspectiva do sincretismo como estratégia de resistência e adaptação das camadas negras marginalizadas: “A Casa das Minas [...] é ao mesmo tempo um núcleo dinâmico de resistência cultural e de preservação da identidade do negro”.

Referências bibliográficas

- ANJOS, José Carlos Gomes dos. *No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006. 126 p.
- BAIROS, Jacqueline; MOURA, Amanda. *Tem povo que vem por fé, tem povo que vem pela barriga: estudo sobre a culinária e o artesanato de uma vila de pescadores como atrativos turísticos, Z3, Pelotas*. Sem paginação. Trabalho de conclusão de disciplina – Antropologia II – Bacharelado em Turismo, Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul. 2007.

autor Marília Floôr Kosby

Mestranda em Ciências Sociais/UFPEL

Recebido em 10/03/2008

Aceito para publicação em 12/11/2008

- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983. 208 p.
- D’OXALÁ, Babalawô-Orixá Cabral. *Divindades africanas: África, Brasil, Rio Grande do Sul*. Pelotas: Editora e Gráfica da UFPel, 1995. 252 p.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o sincretismo: Estudo sobre a Casa das Minas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995. 234 p.
- FREIRE, Beatriz Muniz. O inventário e o registro do patrimônio imaterial: novos instrumentos de preservação. In: CERQUEIRA, F.V. *Cadernos do LEPAARQ*. Textos de Arqueologia, Antropologia e Patrimônio. Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia. Pelotas, v. II, n. 3, p. 11-20, 2005.
- FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. 72p.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 591p.
- VALLADO, Armando. *Iemanjá, a grande mãe africana do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002. 260p.

Agradecimentos

Expresso neste espaço a felicidade de ter a presença – tanto no trabalho apresentado acima quanto em meu encontro com as pesquisas etnográficas entre religiões de matriz africana – de minha orientadora Profa. Flávia Rieth, e da amiga Viviane D’Iemanjá Bomi (Viviane Farias Dutra). Em especial, destaco a participação da amiga e turismóloga Aline Martins da Silva na pesquisa de campo, realizada nas praias do Laranjal, em Pelotas, durante todo o longo dia 2 de fevereiro de 2007.